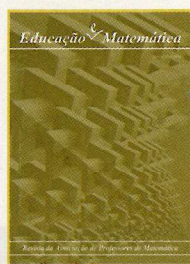


n.º 77  
Março/  
Abril  
de 2004



## EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

*Directora*  
Ana Paula Canavarro

*Subdirectora*  
Adelina Precatado

*Redacção*  
Alice Carvalho  
António Fernandes  
Elisa Figueira  
Fátima Guimarães  
Helena Amaral  
Helena Fonseca  
Helena Rocha  
Isabel Rocha  
Joana Brocardo  
Lina Brunheira  
Manuela Pires  
Maria José Boia

*Colaboradores Permanentes*  
A. J. Franco de Oliveira

*Matemática*  
Branca Silveira  
“Tecnologias na Educação Matemática”  
José Paulo Viana

“O problema deste número”  
Lurdes Serrazina  
A matemática nos primeiros anos  
Maria José Costa

História e Ensino da Matemática  
Rui Canário  
Educação

*Paginação e Pré-Impressão*  
Gabinete de Edição da APM

*Entidade Proprietária*  
Associação de Professores de  
Matemática  
Rua Dr. João Couto, 27-A,  
1500-236 Lisboa

*Tiragem*  
5000 exemplares

*Periodicidade*  
Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,  
Set/Out e Nov/Dez

*Impressão*  
Gráfica Torriana  
Fonte Santa, Paúl  
2580-250 Torres Vedras

N.º de Registo ICS: 124051  
N.º de Depósito Legal: 72011/93

# Resultados globais das provas aferidas. E depois ... o que se segue?

Darlinda Moreira

Os resultados globais das provas aferidas fazem-me pensar, de imediato, na percentagem significativa de jovens que, apesar de irem à escola, estão afastados dos saberes e das competências básicas para aceder de forma crítica à informação da sociedade global da actualidade. Ao projectar estes dados no futuro, antevejo como gigantesca a tarefa de combater a iliteracia em Portugal, fazendo com que todos tenham sucesso na sua escolaridade básica, sobretudo se tivermos em conta que esta tende a ser alargada para doze anos.

Bem conhecemos os diferentes contextos humanos que subjazem a estes números e que nos mostram as muitas famílias que desejam e se esforçam para que os seus filhos frequentem a escola com sucesso, embora na prática tenham dificuldades, ou não saibam mesmo, como ajudá-los no percurso escolar, porque a sua experiência com a escolaridade foi ela própria reduzida, ou está esquecida. Estas realidades mostram-nos também que se a Matemática continua a ser mencionada pela sua dificuldade, a sua utilidade é, igualmente, reconhecida, apesar do repertório matemático para falar com os filhos ser praticamente inexistente, sobretudo a partir do 4º ano de escolaridade. Assim, constatamos que o sucesso escolar não pode contar com a ajuda das famílias, nomeadamente, por não encontrarem nas *vidas do lar* o que estudam na escola.

Em consequência, não é na corrida aos exames nacionais que se resolve o problema da iliteracia nacional. Antes, a alteração desta situação exige uma política educativa que aposte na criação de elos entre a instituição escolar e o local social, por um lado, e, por outro, em encontrar novas formas de mostrar as vantagens da literacia na sociedade actual, e muito especialmente, da literacia matemática. A dificuldade dos jovens em se entusiasmarem com a escolaridade e com a Matemática, em especial, é um problema que não se prende apenas com o facto de saberem ou não os conteúdos escolares, mas também com a possibilidade de os relacionarem com condições e experiências concretas, para que possam definir os seus objectivos de vida de forma a otimizar a sua participação social e facilitar a abertura do imaginário a outros elementos que estruturam a vida do século XXI.

Os resultados das provas aferidas interessam a todos. Por isso, a sua divulgação para a opinião pública, sem os dados terem sido devolvidos às escolas e comunidades — como aconteceu nestes dois últimos anos — é um acto que marginaliza os agentes educativos locais da procura de soluções para os seus próprios problemas. A escola tem de se transformar numa instituição cujos saberes sejam entendidos, por toda a população, como aliados na procura de alternativas credíveis de vida. Para isso, não só as práticas escolares têm de ser renovadas com dinâmicas bem informadas pelas concepções e tendências contemporâneas sobre o ensino e a aprendizagem da matemática, mas também é necessário uma intervenção sistemática da instituição escolar na procura de novos parceiros sociais para ajudar nesta tarefa. O desenvolvimento de acções de aprendizagem ao longo da vida e a construção de formas de familiarizar os grupos sociais com a escola, como por exemplo, alargando as actividades e as discussões escolares à comunidade são alguns dos exemplos daquilo que se pode e deve fazer.

Darlinda Moreira  
Universidade Aberta